



Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-Coleira



PRIMATAS E PREGUIÇA DA MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica, apesar de concentrar uma das maiores taxas de endemismo de espécies animais e vegetais, apresenta atualmente apenas 12,5% de sua cobertura original e, conseqüentemente, é o bioma com o maior número de táxons sob risco de extinção. Desde o início do século XVI sofre com desmatamentos sucessivos causados principalmente pela extração de pau-brasil e, posteriormente, por ciclos econômicos como o da cana-de-açúcar, do café e do ouro. Atualmente, mais de 70% da população brasileira vivem na Mata Atlântica, onde atividades como a agricultura e a agropecuária, a exploração predatória de madeira e de espécies vegetais, a industrialização e a expansão urbana desordenada (incluindo o consumo excessivo e a grande produção de lixo e poluição) predominam na paisagem. É em

remanescentes deste bioma que a preguiça-de-coleira e 13 primatas em risco de extinção estão presentes.

O Brasil é o país com a maior diversidade de primatas do mundo, com uma riqueza de mais de 139 espécies e subespécies. No bioma Mata Atlântica estão presentes 23 destas, sendo que 17 constam na Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção. Com relação às preguiças, das cinco espécies com ocorrência no Brasil, duas ocorrem na Mata Atlântica, mas apenas a preguiça-de-coleira foi considerada ameaçada de extinção (Portaria MMA N° 444/2014). De acordo com os fatores de risco que ameaçam estas espécies regionalmente, 13 primatas e a preguiça-de-coleira se tornaram alvo de um mesmo PAN: Primatas da Mata Atlântica e Preguiça-de-Coleira (PAN PPMA).

PRINCIPAIS AMEAÇAS AOS PRIMATAS DA MATA ATLÂNTICA E À PREGUIÇA-DE-COLEIRA

As principais ameaças identificadas para os primatas da Mata Atlântica e para a preguiça-de-coleira foram: perda, fragmentação e redução da qualidade do habitat, causados por expansão urbana, agricultura, empreendimentos e infraestrutura e mudanças climáticas; hibridação e competição, causados por espécies invasoras; remoção de indivíduos da natureza por caça, apanha, atropelamentos e eletrocussão; além de doenças, com especial enfoque na epizootia por Febre Amarela.

PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DOS PRIMATAS DA MATA ATLÂNTICA E DA PREGUIÇA-DE-COLEIRA

O Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-Coleira, instituído pela Portaria ICMBio nº 702/2018, tem como alvo 13 espécies de primatas e uma de preguiça ameaçadas de extinção, sendo duas “criticamente em perigo” (CR): *Alouatta guariba guariba* e *Brachyteles hypoxanthus*; oito “em perigo”: *Brachyteles arachnoides*, *Callithrix aurita*, *Callithrix flaviceps*, *Leontopithecus caissara*, *Leontopithecus chrysomelas*, *Leontopithecus chrysopygus*, *Leontopithecus rosalia* e *Sapajus robustus*; e quatro “vulneráveis” (VU): *Alouatta guariba clamitans*, *Callicebus melanochir*, *Callicebus personatus* e *Bradypus torquatus*. Além disso, contempla três primatas categorizados como “quase ameaçados” (NT): *Sapajus nigritus nigritus*, *Sapajus nigritus cucullatus* e *Callithrix kuhli*.

O PAN PPMA foi planejado em uma oficina participativa, realizada entre 23 e 27 de abril de 2018, no Centro de Formação em Conservação da Biodiversidade (ACADEBIO), em Iperó, São Paulo, e contou com a participação de 45 colaboradores representando 33 instituições, entre pesquisadores, especialistas, terceiro

setor e instituições públicas. A partir da identificação de ameaças às espécies e seus habitat, foram elaborados a visão de futuro, o objetivo geral e seis objetivos específicos. Para cada objetivo específico, foram elaboradas ações, em um total de 49, e detalhados os respectivos produtos esperados, articuladores, colaboradores e prazos de execução.

Este PAN tem como Visão de Futuro “Todos os primatas e preguiças da Mata Atlântica com populações viáveis e protegidas em seus habitat naturais, em uma sociedade comprometida com sua conservação” e, como Objetivo Geral, “Aumentar o habitat e reduzir o declínio das populações de primatas e preguiça ameaçados da Mata Atlântica em cinco anos”.

Ainda durante essa oficina, foi estabelecido o Grupo de Assessoramento Técnico (GAT) do PAN, instituído pela Portaria ICMBio nº 404/2019, e que tem como missão acompanhar a implementação e realizar a monitoria e avaliação do Plano. A coordenação do PAN PPMA fica a cargo do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio/CPB.



Alouatta guariba clamitans



Brachyteles hypoxanthus



Brachyteles arachnoides



Callithrix aurita



Callithrix flaviceps



Leontopithecus caissara



Leontopithecus chrysomelas



Leontopithecus chrysopygus



Callicebus personatus



Leontopithecus rosalia



Sapajus robustus



Callicebus melanochir



Alouatta guariba guariba



Bradypus torquatus

Figura 01 – Espécies ameaçadas de extinção contempladas pelo Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-Coleira: *Alouatta guariba guariba*, *Brachyteles hypoxanthus*, *Brachyteles arachnoides*, *Callithrix aurita*, *Callithrix flaviceps*, *Leontopithecus caissara*, *Leontopithecus chrysomelas*, *Leontopithecus chrysopygus*, *Leontopithecus rosalia*, *Sapajus robustus*, *Alouatta guariba clamitans*, *Callicebus melanochir*, *Callicebus personatus* e *Bradypus torquatus*.

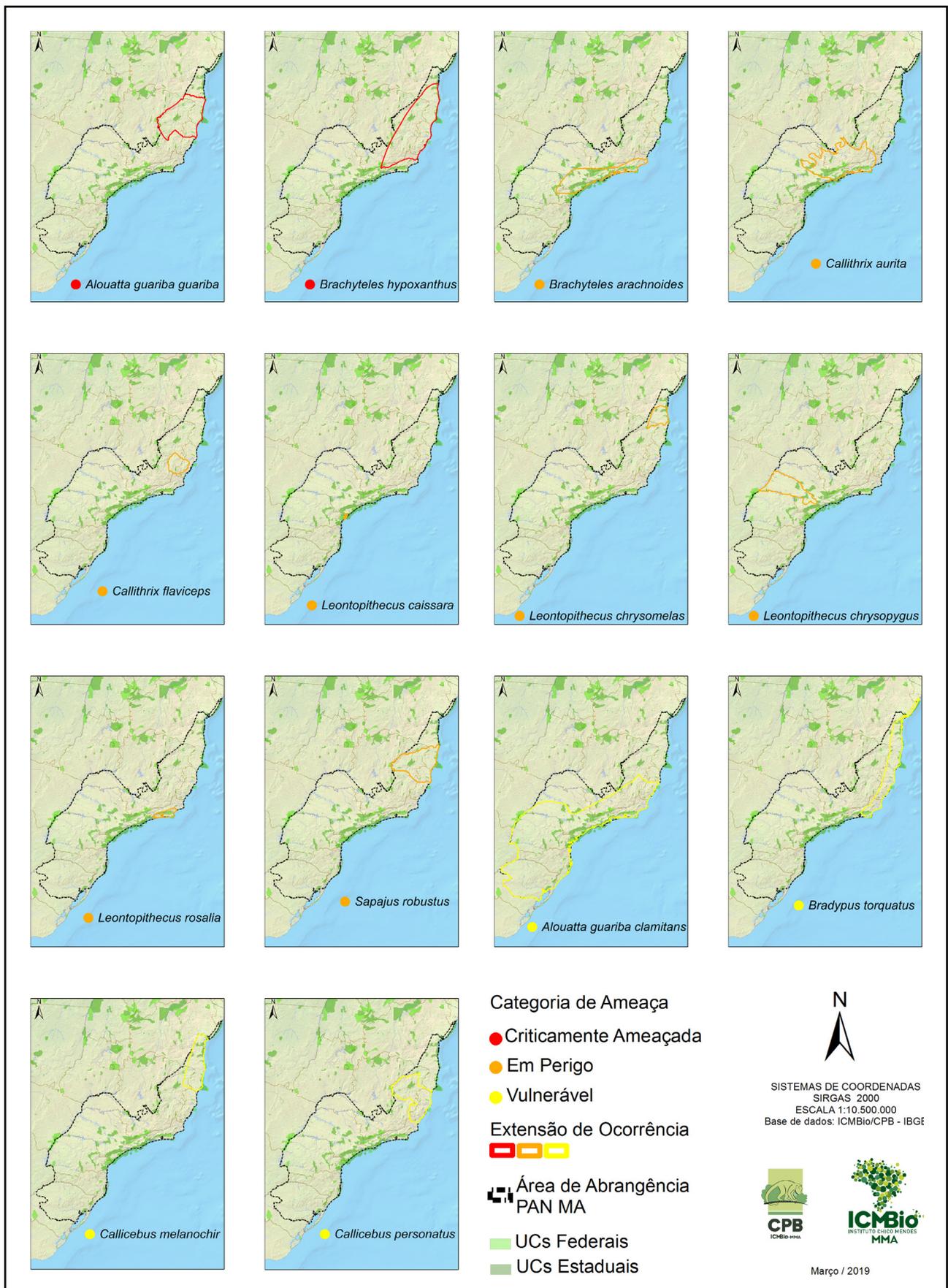


Figura 02 - Área de abrangência e distribuição das espécies do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-Coleira.

ESPÉCIES ALVO DO PAN PRIMATAS DA MATA ATLÂNTICA E PREGUIÇA-DE-COLEIRA

Nome científico	Nome popular	Ameaças	Categoria de ameaças	Distribuição
<i>Alouatta guariba guariba</i>	Bugio-ruivo	Perda e fragmentação de seus habitat por conversão das áreas em pastagens e lavouras (como cafezais), expansão urbana e assentamentos rurais e, mais recentemente, ampliação da silvicultura de eucaliptos.	Criticamente em perigo (CR)	Endêmico do Brasil e presente nos estados da Bahia e Minas Gerais, onde é nativo e residente, e no Espírito Santo onde seria nativo, mas sem confirmação de presença. Seu limite norte seria o rio Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, sendo o limite sul incerto: o rio Doce ou o rio Jequitinhonha.
<i>Brachyteles hypoxanthus</i>	Muriqui-do-norte	Desconexão e redução de habitat por desmatamentos, incêndios, assentamentos rurais, agricultura e pecuária; caça; turismo intenso e desordenado (menor intensidade).	Criticamente em perigo (CR)	Endêmico do Brasil, nos estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais. Há uma única população conhecida no estado do Rio de Janeiro, no Parque Nacional do Itatiaia. Na Bahia, foi confirmada apenas no Parque Nacional do Alto Cariiri. Atualmente, sua extensão de ocorrência se limita a apenas 12 regiões de florestas, geralmente fragmentos florestais dentro da imensa área original. O limite norte da distribuição é, provavelmente, a bacia do rio Jequiriçá, que deságua na Baía de Todos os Santos e inclui as florestas da margem direita do rio Paraguaçu. Ao sul, o limite não é tão claro e é provavelmente a Serra da Mantiqueira no sul de Minas Gerais, próximo à fronteira com os estados do Rio de Janeiro e São Paulo.
<i>Brachyteles arachnoides</i>	Muriqui-do-sul	Contínua desconexão e degradação da qualidade e/ou fragmentação parcial ou completa de seu habitat, devido principalmente à expansão das matrizes agrícola, pecuária e rodoviária; forte pressão de caça - cultural e esportiva - recorrentemente associada de forma direta com a extração ilegal de palmito-juçara; ecoturismo desordenado.	Em perigo (EN)	Endêmico do Brasil e restrito à sua porção Sudeste, especificamente aos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. O limite norte da distribuição são a Serra da Mantiqueira, na divisa de São Paulo e Minas Gerais, e o rio Paraíba do Sul, no norte do estado do Rio de Janeiro. Atualmente, existem duas populações da espécie confirmadas no estado do Paraná, sendo uma no município de Castro e a outra no município de Doutor Ulysses.
<i>Callithrix aurita</i>	Sagui-da-serra-escuro	Perda e fragmentação de seus habitat por desmatamentos e incêndios florestais (para agricultura, pecuária, expansão urbana, especulação imobiliária, grandes obras e empreendimentos); competição e hibridação com espécies exóticas/invasoras; atropelamentos.	Em perigo (EN)	Endêmico do Brasil, ocorrendo nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. O seu limite norte parece ser o rio Piracicaba, em Minas Gerais, na sua foz com o rio Doce. A oeste parece ocorrer até os limites do Espinhaço, em Minas Gerais, e nas áreas de transição com o Cerrado, em São Paulo. A leste, no Rio de Janeiro, a espécie de fato se limita às partes superiores das encostas da Serra do Mar, com exceção do sul do estado, onde pode ser encontrado quase ao nível do mar. Ao norte da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), a espécie volta a ocorrer em áreas de meia encosta, muitas vezes inferiores a 300 m de altitude. Seu limite sul é ainda uma incógnita, pois o grande maciço da Paranapiacaba, em São Paulo, pode abrigar populações relictuais. Aparentemente, sua distribuição avança pela margem sul do rio Tietê, sem definição exata de seu limite, que parece ser mais ecológico do que meramente geográfico.

<i>Callithrix flaviceps</i>	Sagui-da-serra	Perda, fragmentação e desconexão de seus habitat por desmatamentos (para agricultura, pecuária, expansão urbana, mineração, monocultura de eucalipto); competição com espécie exótica (<i>C. penicillata</i>) e com <i>C. geoffroyi</i> , que tem ampliado sua área de ocupação em direção a áreas com <i>C. flaviceps</i> .	Em perigo (EN)	Endêmico do Brasil, ocorrendo nos estados do Espírito Santo e de Minas Gerais. Sua distribuição passada deveria ir até a margem sul do rio Doce, em Minas Gerais, conforme registros mais recentes da espécie, estendendo-se até a região montanhosa do Espírito Santo. Ao sul, os limites de distribuição se confundem um pouco com os limites de <i>C. aurita</i> , ocorrendo ampla faixa de hibridação natural em Minas Gerais, perto de Carangola (ao sul) e Caratinga (mais ao norte), próximo ao rio Manhuaçu, divisa com o Espírito Santo. A oeste, a distribuição vai até a margem leste do rio Doce, estendendo-se em toda a margem deste rio até próximo de Colatina (ES), onde a espécie é substituída por <i>C. geoffroyi</i> .
<i>Leontopithecus caissara</i>	Mico-leão-da-cara-preta	Perda, fragmentação e desconexão de seus habitat por desmatamentos (para agricultura e especulação imobiliária); isolamento das populações da ilha e continente; turismo desordenado.	Em perigo (EN)	Endêmico do Brasil, ocorrendo nos estados do Paraná e São Paulo. Há duas subpopulações: insular (Ilha do Superagui, Guaraqueçaba/PR) e continental (região do Ariri em Cananeia/SP e Vale do Rio dos Patos e região do Sebuí, em Guaraqueçaba/PR). A distribuição é limitada ao norte pelo rio Varadorzinho e a oeste pela Serra da Utinga, Morro do Bico Torto, Morro do Poruquara e Serra do Gigante, em Guaraqueçaba (PR). Há relatos também para localidades no extremo sudeste de São Paulo, duas na base do rio do Turvo e duas mais para o norte, na região de Itapitangui. Há possibilidades, sem confirmação, de que a espécie possa ocorrer mais no interior continental em duas regiões: nos rios Taquari e Ipiranguinha, sendo o segundo possivelmente referido ao Mosaico Jacupiranga.
<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	Mico-leão-da-cara-dourada	Perda, fragmentação e desconexão de seus habitat por desmatamentos, para agricultura, pecuária, expansão urbana, aumento da matriz rodoviária, demarcação de novas Terras Indígenas e potencial de expansão da silvicultura.	Em perigo (EN)	Endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia e Minas Gerais (extinto). O limite norte é o rio de Contas, e o limite sul é o rio Pardo, no Sul da Bahia. Entretanto, a espécie já foi registrada mais ao sul do rio Pardo, entre este rio e o Jequitinhonha (o que pode ter ocorrido devido ao desmatamento da mata ciliar e ao assoreamento do rio Pardo). A noroeste da distribuição, a espécie ocorre em ambas as margens do baixo rio Gongoji. Existem duas lacunas na distribuição, uma próxima a foz do rio de Contas, no litoral baiano, e outra, entre o baixo rio Pardo e o rio Jequitinhonha. Não existe nenhuma explicação razoável para a ausência da espécie nestas áreas, uma vez que não existem barreiras geográficas nestas regiões.
<i>Leontopithecus chrysopygus</i>	Mico-leão-preto	Desconexão, fragmentação e redução de habitat por desmatamentos, incêndios, assentamentos rurais, agricultura e pecuária.	Em perigo (EN)	Endêmica do Brasil, ocorrendo no estado de São Paulo. Limitada entre os rios Paranapanema e Tietê, não ultrapassando o rio Paraná. Atualmente, as populações encontram-se na região do Pontal do Paranapanema, no Parque Estadual Morro do Diabo (maior população), na Estação Ecológica Mico-Leão-Preto; na região central do estado, na Estação Ecológica Caetetús e na Fazenda Rio Claro, em Lençóis Paulista, cada uma com uma subpopulação. No leste do estado, está presente nas matas de galeria do município de Buri e Estação Ecológica de Angatuba. Mais recentemente, a espécie foi encontrada nas Fazendas Turvinhos e Pereira, em Iaras e Borebi, e na Reserva Particular do Patrimônio Natural Olavo Egydio Setúbal, em Lençóis Paulista e Borebi.

<i>Leontopithecus rosalia</i>	Mico-leão-dourado	Desconexão e redução de habitat causados por incêndios, assentamentos rurais, expansão urbana (principalmente pelo aumento da extração de petróleo) e aumento da matriz rodoviária, além de competição com espécie exótica invasora (<i>C. jacchus</i>).	Em perigo (EN)	Endêmico do Brasil, ocorrendo no estado do Rio de Janeiro. A distribuição original abrangia grande parte da planície (até 300m acima do nível do mar) da região costeira do estado Fluminense, compreendendo os seguintes municípios: Mangaratiba (limite nordeste), Itaguaí, Nova Iguaçu, Nilópolis, São João do Meriti, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Magé, São Gonçalo, Niterói, Itaboraí, Maricá, Araruama, Silva Jardim, Saquarema, Rio Bonito, Cachoeiras de Macacu, São Pedro da Aldeia, Cabo Frio, Casimiro de Abreu, Macaé, Conceição de Macabu, Campos e São João da Barra. Atualmente, a espécie está presente em: Silva Jardim, Casimiro de Abreu, Rio Bonito, Cachoeiras de Macacu, Araruama, Rio das Ostras, Cabo Frio e Macaé.
<i>Sapajus robustus</i>	Macaco-prego-de-crista	Desconexão e redução de habitat causados por desmatamento, agricultura (extensas áreas de monocultura de eucalipto e Pinus), pecuária, expansão urbana, aumento da matriz energética e rodoviária; caça e apanha.	Em perigo (EN)	Endêmico do Bioma Mata Atlântica, tendo sua distribuição delimitada a nordeste (Minas Gerais e Bahia) e noroeste (Minas Gerais) pelo rio Jequitinhonha, a sudoeste pela Serra do Espinhaço (nos municípios de Serro, Couto de Magalhães de Minas e Felício dos Santos) e rio Suaçuí Grande (Minas Gerais) e, como limite sudeste, o rio Doce.
<i>Alouatta guariba clamitans</i>	Bugio-ruivo	Desmatamento, desconexão e redução de habitat (expansão da agricultura, da pecuária e urbana); grande vulnerabilidade à Febre Amarela com alta letalidade; ataques por cães, atropelamentos e acidentes na rede elétrica são bastante comuns em áreas urbanas.	Vulnerável (VU)	Não é endêmico do Brasil, ocorrendo também na Argentina. Encontra-se na Mata Atlântica, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Sua distribuição é limitada ao sul pela bacia do rio Camaquã. Porém, seu limite norte ainda não está claro, podendo ser o rio Doce ou o rio Jequitinhonha.
<i>Callicebus melanochir</i>	Sauá	Fragmentação e redução de habitat causados por desmatamentos devido a assentamentos rurais, agricultura, pecuária, expansão urbana e expansão da monocultura de eucalipto.	Vulnerável (VU)	Endêmico do Brasil, presente nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ocorre do norte do rio Mucuri, no Espírito Santo, ao rio Paraguaçu, na Bahia. O limite sul não é claro, havendo uma provável zona de intergradação nos vales dos rios Itaúnas e Mucuri (ES). A norte, se estende até o rio Paraguaçu. No interior, sua distribuição parece ser limitada por matas de cipó e matas secas na Bahia. Ao sul do rio Jequitinhonha, a espécie se restringe à floresta litorânea.
<i>Callicebus personatus</i>	Sauá-de-cara-preta	Desconexão e redução de habitat devido a desmatamentos, assentamentos rurais, agricultura, pecuária, queimadas e incêndios florestais.	Vulnerável (VU)	Endêmico do Brasil, presente nos estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Ocorre em boa parte do norte de Minas Gerais, estendendo-se a oeste ao longo das margens norte e sul do rio Jequitinhonha. No vale do Jequitinhonha, foram encontrados grupos apenas no extremo nordeste do estado. Assim como ocorre ao sul de sua distribuição, seus limites de ocorrência a oeste do médio rio Doce ainda são pouco definidos.
<i>Bradypus torquatus</i>	Preguiça-de-coleira	Fragmentação, isolamento e descaracterização de habitat, causados por desmatamentos decorrentes de expansão agrícola e pecuária, expansão urbana, aumento da matriz rodoviária e incêndios.	Vulnerável (VU)	Endêmica do Brasil e presente na região costeira do Sudeste e Nordeste. Está restrita à região entre o sul de Sergipe (município de Estância) e o centro-norte do Rio de Janeiro (municípios de Macaé, Silva Jardim, Rio das Ostras, Nova Friburgo, Cachoeiras de Macacu e Teresópolis), passando pela Bahia (região do Recôncavo Baiano, municípios de Ilhéus e Itabuna, até o extremo sul) e pelo Espírito Santo (região serrana e litorânea do centro-sul do estado, ao sul do rio Doce apenas). A espécie não ocorre a partir da margem esquerda (margem norte) do rio Doce até as proximidades do rio Mucuri. Foi registrada no extremo nordeste de Minas Gerais (médio Jequitinhonha, no município de Bandeira, na divisa com a Bahia), mas ainda sem confirmação.

ESPÉCIES BENEFICIADAS PELO PAN PRIMATAS DA MATA ATLÂNTICA E PREGUIÇA-DE-COLEIRA

Nome científico	Nome popular	Ameaças	Categoria de ameaças	Distribuição
<i>Callithrix kuhli</i>	Sagui	Perda, redução e desconexão de habitat; competição e hibridação com espécie exótica invasora; apanha em Terras Indígenas.	Quase ameaçada (NT)	Presente nos estados da Bahia e Minas Gerais. Ocorre entre o rio de Contas e o rio Jequitinhonha no sul da Bahia. Também ocorre no nordeste de Minas Gerais.
<i>Sapajus nigrinus nigrinus</i>	Macaco-prego	Perda, redução e desconexão de habitat; caça e apanha.	Quase ameaçada (NT)	Presente nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Suspeita-se que o limite austral seja o rio Tietê, o setentrional é o rio Doce, o limite oriental é o Oceano Atlântico e o limite ocidental aparentemente é o rio Paraná.
<i>Sapajus nigrinus cucullatus</i>	Macaco-prego	Perda, redução e desconexão de habitat; caça e apanha.	Quase ameaçada (NT)	Presente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Esta subespécie têm como provável limite norte o rio Tietê em São Paulo, sendo o limite oriental o Oceano Atlântico e o limite austral o Bioma Mata Atlântica <i>latu sensu</i> , no Rio Grande do Sul.

MATRIZ DE PLANEJAMENTO DO PAN PRIMATAS DA MATA ATLÂNTICA E PREGUIÇA-DE-COLEIRA

Nº	Objetivo Específico	Nº Ações	Custo Estimado (R\$)
I	Restaurar, manter e aumentar o habitat e sua conectividade em áreas importantes para a conservação dos táxons alvos do PAN	09	3.000.000,00
II	Manejar populações dos táxons alvo do PAN visando sua viabilidade	13	2.000.000,00
III	Manejar primatas alóctones em áreas importantes para a conservação de táxons do PAN e prevenir a colonização de novas áreas	08	2.700.000,00
IV	Mitigar a remoção da natureza de indivíduos dos táxons alvo do PAN, devido a ações antropogênicas	02	500.000,00
V	Avaliar e mitigar os impactos de doenças de importância para a conservação de primatas e preguiças da Mata Atlântica	09	2.000.000,00
VI	Desenvolver estratégias de comunicação, sensibilização ambiental e de articulação multissetorial, que favoreçam a conservação dos táxons alvo	08	500.000,00

COLABORAÇÃO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Brasília, dezembro de 2019

Para saber mais sobre as espécies do PAN Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-coleira, acesse:

<http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/planos-de-acao/8330-plano-de-acao-nacional-para-a-conservacao-dos-primatas-e-preguica-mata-atlantica>